

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)  
10 e 17 de setembro de 2021

# L'ASSASSINAT DU PÈRE NÖEL / 1941

*(Mataram o Pai Natal)*

um filme de Christian-Jaque

**Realização:** Christian-Jaque / **Argumento:** Charles Spaak, segundo o romance de Pierre Very / **Fotografia:** Armand Thirard / **Direção Artística:** Guy de Gastyne / **Montagem:** René Le Hénaf / **Música:** Henri Verdun / **Intérpretes:** Harry Baur (Gaspard Cornusse), Renée Faure (Catherine Cornusse), Marie-Hélène Dasté (a mãe Michel), Raymond Rouleau (barão Roland de la Faille), Robert Le Vigan (Léon Villard, o professor), Fernand Ledoux (Noirgoutte, o "maire"), Jean Brochart (Ricomet), Jean Parédès (Kappel, o sacristão), Hélène Manson (Marie Coquillot).

**Produção:** Continental Films / **Produtor:** Alfred Greven / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 104 minutos/ **Estreia Mundial:** Paris, em 16 de Outubro de 1941/ **Estreia em Portugal:** cinema Ginásio, em 5 de Dezembro de 1945.

---

Antes de se falar do enredo e do filme em si, é importante fazer uma referência histórica a este filme de Christian-Jaque, porque ocupa um lugar particular tanto na história do cinema francês como a sua política. No cinema francês reflectiu-se, naturalmente, a ocupação pelo exército alemão que chegou a Paris a 14 de Junho de 1940. Procurando captar o interesse e a colaboração de autores e actores franceses, os alemães criaram uma companhia de produção a que deram o nome de Continental Films, com sede em Berlim, para relançamento do cinema insistindo, evidentemente, em filmes "isentos" de propaganda, e que se limitassem a serem "divertimentos" para os espectadores. O compromisso foi aceite pelos franceses, porque a recusa significava o desemprego. **L'Assassinat du Père Noël** foi a primeira produção desta companhia e a sua realização foi entregue a Christian-Jaque, autor com uma carreira iniciada em 1932 e que contava já com alguns sucessos de bilheteira, particularmente a série de filmes em que dirigira o popular comediante Fernandel. Para o filme foi escolhido um elenco de peso, encabeçado por aquele que era considerado o maior actor do teatro e cinema franceses: Harry Baur (o seu mais famoso papel no cinema foi o Jean Valjean de **Les Misérables**, de Raymond-Bernard).

Ainda durante as filmagens, que tiveram início a 15 de Fevereiro de 1941, começou na imprensa colaboracionista (com destaque para o "Le Cri du Peuple" de Doriot, e o jornal anti-semita "Le Pilon", uma campanha contra Baur, "suspeito" de origem judaica e maçã, que obrigou o actor a escrever. A campanha prolongar-se-ia após as filmagens, e só parou após a estreia do filme, quando o crítico dramático do "Je Suis Partout" (o jornal fascista de Lucien Rebatet), fez "mea culpa" das acusações de "neo-

arianismo" feitas a Baur, que parecia "protegido" pelos ocupantes. O actor viverá, a partir de então, uma ambígua situação (que, à distância, recorda a da personagens do filme **Mephisto**), apresentando-se ao lado de alguns nazis notórios (o actor Heinrich Georg, por exemplo, que na visita a Paris fez a saudação nazi ao busto de Molière). Após **L'Assassinat du Père Noël**, Baur fará, de novo para a Continental, o filme **Péchés de Jeunesse/Pecados da Juventude**, de Maurice Tourneur, sendo em seguida convidado a filmar em Berlin, **Sinfonie eines Lebens**, dirigido por um tal Hans Bertram. Após as filmagens Baur é preso pela Gestapo, por suspeita da sua mulher ser judia, mas também por possível apoio encoberto à Resistência francesa. Acaba por ser libertado e morrer, em consequência das torturas, a 8 de Abril de 1943. Como aconteceu a outros filmes feitos durante a Ocupação, houve quem visse em **L'Assassinat du Père Noël** algumas intenções escondidas: a jovem Catherine meio adormecida, meio sonâmbula seria a França ocupada à espera do Príncipe encantado que a despertasse, como em **Les Visiteurs du Soir/Os Trovadores Malditos**, de Marcel Carné, feito durante o mesmo período, se via no bater dos corações dentro das estátuas dos amantes, o coração da França batendo pela Liberdade.

**L'Assassinat du Père Noël** é o terceiro dos sete filmes em que Christian-Jaque encontrou o romancista francês Pierre Very, autor de uma insólita galeria de romances policiais, marcados pela fantasia, e tendo por pano de fundo a paisagem da França rural. Tudo começou com **Les Disparus de Saint Agil/Os Desaparecidos de Santo Agil** (1938), seguindo-se, em 1941, **L'Enfer des Anges**, ambos, como **L'Assassinat...** à volta também da infância e dos seus jogos (as restantes colaborações do escritor e do cineasta foram **Goupi Mains Rouges, Singoalla/A Lenda do Castelo Maldito**, um episódio de **Souvenirs Perdus/Histórias Esquecidas** e a adaptação do romance de Stendhal, **La Chartreuse de Parme**). Publicado em 1934 (antes de "Les Disparus de Saint Agil"), o livro é um notável exercício de escrita e de imaginação, onde a fantasia se inscreve num mundo real, e que se transfigura em alusões poéticas inspiradas nos contos tradicionais. O filme de Christian-Jaque consegue recriar essa atmosfera, mas, apesar de tudo, não se encontra à altura da adaptação de **Les Disparus...** A questão talvez tenha a ver com o colaborador de Christian-Jaque na escrita do argumento. Enquanto o de **Les Disparus...** foi escrito por Pierre Prévert, o de **L'Assassinat...** traz a assinatura de Charles Spaak, um eficiente e capaz argumentista mas a quem falta o grão de poesia e de exercício surrealista do autor de "Paroles". Contudo, o filme funciona bastante bem, menos por causa do argumento bastante simples (uma aldeia na Sabóia, durante o Natal, coberta de neve, aparece um pai Natal assassinado após o roubo de um valioso diamante exposto no presépio da Igreja) do que pela forma que o realizador imprime à narrativa, a exploração de uma "imagerie" dos contos populares (a Bela Adormecida, a Bela e o Monstro, etc), o magnífico aproveitamento da paisagem dos campos e montes cobertos de neve, o humor que permanentemente percorre o filme (os comentários às deslocações da polícia para chegar à aldeia isolada) e até a ironia da solução, com a chegada da polícia com o "mistério" resolvido. Christian-Jaque irá desenvolver no futuro esta atmosfera onírica e de contos de fadas em dois belíssimos filmes: **Singoalla/A Lenda do Castelo Maldito** (1949) e **Barbe-Bleue/As Sete Mulheres do Barba-Azul**.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico